

CAIO GAGLIARDI E OS ESTUDOS PESSOANOS

Aurora Cardoso de Quadros¹

Tida Carvalho²

Marcio Jean Fialho de Sousa³

Caio Gagliardi é professor associado da Universidade de São Paulo na área de Literatura Portuguesa. É coordenador do grupo de pesquisa *Estudos Pessoaanos* e membro do projeto *Estranhar Pessoa*, da Universidade Nova de Lisboa. Desenvolveu um longo histórico de estudos a respeito de Fernando Pessoa, desde a graduação até a livre-docência. Convidado a nos conceder esta entrevista, concordou em compartilhar conosco um pouco do seu conhecimento a respeito de Fernando Pessoa, vida e obra.

Entrevistadores: Sua pesquisa a respeito de Fernando Pessoa abordou o interseccionismo. Qual foi a motivação do estudo? Que descobertas advindas dele merecem menção prioritária?

A leitura de “Chuva Oblíqua” foi das experiências mais impactantes que tive com a obra de Pessoa. Meu primeiro contato com o poema se deu por intermédio do saudoso professor Haqira Osakabe, na UNICAMP. Depois, foram essenciais para mim as análises de Luciana Stegagno Picchio, Yvette Centeno e José Gil. Na tese a qual você se refere, eu procuro ler parte da obra poética e da prosa do *Livro do desassossego* a partir dos procedimentos interseccionistas de “Chuva Oblíqua”, e mostrar que o poema é um dinamizador essencial para o fazer poético pessoano. Complementarmente a José Gil, procuro demonstrar que é com “Chuva Oblíqua” que se dá, efetivamente, o nascimento do ortônimo, na medida em que o poema realiza o apagamento radical da noção de autoria.

Entrevistadores: Observa-se também, no seu percurso acadêmico, a pesquisa sobre o ironista Fernando Pessoa. Em que campos do percurso pessoano a ironia pode ser afirmada? Por que ele dizia que o português é incapaz de perceber a ironia?

Pessoa é um dos grandes ironistas modernos, no sentido socrático do termo, isto é, de colocar tudo em questão. Não há instância em sua obra que não seja cinzelada pela ironia. Nem mesmo Caeiro, que percorre todo um corredor do pensamento para dizer que não se deve pensar. A própria noção de publicação é matizada pelo gesto irônico de Pessoa, que buscou polemizar com as revistas em que publicou. Pense-se, por exemplo, na publicação de

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de Comunicação e Letras - área de Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES / MG.

² Doutora em Letras - Literatura Comparada, pela UFMG, com Pós-doutorado em Estudos Literários pela mesma universidade. Professora do Departamento de Comunicação e Letras - área de Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES / MG.

³ Doutor em Letras - Literatura Portuguesa, com Pós-doutorado em Estudos Literários pela PUC-SP e pela Unimontes. Professor do Departamento de Comunicação e Letras - área de Estudos Literários, e do Programa de Pós-graduação em Letras - Estudos Literários, ambos da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES / MG.

“Autopsicografia” na *Presença*: enquanto José Régio defendia a “sinceridade” do poeta, Pessoa afirmava que “o poeta é um fingidor”. Num pequeno ensaio intitulado “O provincianismo português”, Pessoa contrapõe a concepção de ironia ao provincianismo. Assim, ao afirmar que o português é incapaz de ironia, ele destaca o provincianismo de seus conterrâneos. Mas faz isso, sempre, com um sorriso provocativo de canto de boca.

Entrevistadores: A partir de que fatos é possível explicar a definição de Fernando Pessoa como agitador intelectual? Excluindo as revistas de que participou, houve outras atuações do gênio nesse sentido?

A imagem que temos de Pessoa é a de um homem tímido, discreto e pouco dado ao convívio. Esse é um lugar comum cristalizado na biografia de Gaspar Simões. Além disso, suas fotos ilustram essa ideia. No foro individual, essas características se sustentam, mas o mesmo não ocorre com a sua personalidade pública. Desse outro ângulo, Pessoa foi um irrequieto. As suas relações pessoais estão muito circunscritas intelectualmente, como se percebe em sua correspondência. Desde a sua “estreia” n’*A águia*, Pessoa buscou a polêmica, o debate público de ideias e a dissensão. Nesse sentido, ele foi um *performer*. Por outro lado, considerem-se também os seus ambiciosos projetos editoriais. Com o dinheiro herdado da avó Dionísia, ele compra máquinas tipográficas e funda a “Empreza Íbis”, que dura cerca de um ano apenas. Posteriormente, ele procura dar seguimento a esses projetos por meio da *Olisipo*. Pessoa funda revistas, dirige outras, aglutina personalidades reais e fictícias, cria movimentos, mete-se em todo tipo de assunto, do romance policial ao esoterismo, do comércio ao cinema. A pesquisa de Pedro Sepúlveda sobre os projetos editoriais do escritor, *Os livros de Fernando Pessoa*, dá uma dimensão clara dessa sua faceta.

Entrevistadores: Também consta de seus estudos o enfoque na crítica de Casais Monteiro. Casais Monteiro, como interlocutor do “drama em gente” (e aqui se evoca a gênese da heteronímia), seria um confidente, um cúmplice, um amigo ou apenas um instrumento de recepção passiva que possibilitou a expressão verbal do poeta?

Casais Monteiro não foi um amigo próximo de Pessoa. Em 1935, como um dos diretores da *Presença*, que naquele momento era uma das principais revistas literárias em Portugal, escreve-lhe pedindo, entre outras coisas, a origem dos heterônimos. A, assim conhecida, “Carta sobre a gênese dos heterônimos” – que talvez seja uma das cartas mais importantes e mais conhecidas da língua portuguesa – é uma carta-resposta, portanto, e, sobretudo, uma sofisticada peça de retórica arquitetada por Pessoa. Muito longe de ser uma confissão a respeito do seu processo criativo, ela não explica a gênese. Antes, ela fabrica a gênese; trata-se, a bem dizer, de uma ficção da gênese. O próprio Casais intuiu isso num artigo pouco conhecido, que ele publica como apêndice da carta, na *Presença* (n.49). Casais Monteiro também não foi confidente ou cúmplice de Pessoa, pelo contrário, essa carta é, no fundo, endereçada à posteridade. Pessoa fez cópias químicas dela, já ciente de sua importância e de seu uso futuro; Casais Monteiro foi apenas o seu primeiro leitor.

Entrevistadores: A poética de Fernando Pessoa, de modo geral, mas com algumas fortes exceções, constrói um complexo e denso campo de amargura e expressão do degrado, a exemplo de Bernardo Soares e Álvaro de Campos, que expressa o estranhamento da cidade natal. O poeta, inclusive, cria um heterônimo suicida, o Álvaro Coelho, barão de Teive, que exprime fatos coincidentes com sua própria biografia. A partir das bases que fundamentam uma análise, é possível tentar entender essa grande tristeza na obra do poeta pelos acontecimentos a ele ocorridos?

De modo direto ou indireto, a vida sempre está implicada na obra, do mesmo modo que a obra está implicada na vida. Mas a vida não são apenas acontecimentos historicamente datáveis. A dimensão biográfica de Pessoa é, em grande parte, atingida por espantosas excursões imaginárias. O acesso direto que temos a suas expedições psíquicas, entre as quais *O Marinheiro* e “Ode Marítima” são algumas das mais arrebatadoras, é a própria literatura. O material dessa peça e desse poema não é a vida, mas a linguagem. Pessoa não escreveu o que viveu, menos ainda porque viveu. O poema “Opiário” trata de uma viagem que ele não fez como sujeito empírico. Pessoa escreveu *para que* vivesse tudo aquilo que a realidade não lhe deu. Logo no início de sua excelente biografia de Pessoa, intitulada *Estranho estrangeiro*, Robert Bréchon adverte se tratar de uma trajetória mais rica em obras do que em fatos. Muitos acontecimentos da vida de Pessoa podem ser associados aos textos que escreveu, mas nunca serão capazes de explicá-los.

Entrevistadores: **Entre todas as atividades, criações, técnicas, invenções e gêneros da produção escrita de Fernando Pessoa, qual, a seu ver, merece destaque?**

A poesia heteronímica e ortonímica e *O livro do desassossego* reinam no Olimpo.

Entrevistadores: **Fernando Pessoa trabalhou como empregado em funções que, de certo modo, não se equiparam à genialidade literária e intelectual. Que panorama externo e que implicações implícitas se podem congregam na tentativa de se imaginar um panorama próximo ao conjunto da vivência factual do poeta enquanto cidadão aparentemente comum?**

Pessoa foi correspondente estrangeiro em escritórios comerciais. Traduzia cartas do português para o inglês e o francês, e vice-versa. Considerada à distância, nada em sua biografia adulta chama especialmente atenção em comparação, por exemplo, com as biografias de Camões, Rimbaud ou Hemingway. Pessoa se escondeu para trás de si mesmo, foi um sujeito oculto convertido em eu lírico. Ele viveu para a escrita. A única maneira de compreendê-lo a fundo é por meio de sua obra.

Entrevistadores: **O escritor português Fernando Pessoa, que se celebrizou como um dos maiores poetas portugueses, iniciou sua produção escrevendo em língua inglesa. O que o senhor tem a dizer sobre essa produção inglesa?**

A série de sonetos, escritos num inglês particular, e cuja primeira tradução foi feita por Jorge de Sena e Adolfo Casais Monteiro, antecipam temas e categorias oposicionais ligados à cisão do eu, os quais reaparecem ao longo da obra. Eles foram publicados em folhetos, antes de *Mensagem*. Alguns deles são realmente belíssimos. Entre as múltiplas facetas que se apresentam em inglês, vem à tona uma dimensão erótica única, muito menos significativa em português. Jorge de Sena, ao estudar esse tema, afirmou que Pessoa não teria coragem de dar a ver esses textos em português. Eu penso, é claro, nesses poemas tão surpreendentes quanto arrebatadores que são “Antinoo” e “Ephitalamium”.

Entrevistadores: **Observa-se em algumas críticas sobre a obra *Mensagem* que muitos a consideram uma obra nacionalista e ufanista. A que se deve esse tipo de equívoco sobre a referida obra?**

Se assim for, deve-se à sua incompreensão. Por ser uma obra que recupera a história de Portugal e colhe no passado sinais anunciadores de um futuro Quinto Império, o caráter nacionalista de *Mensagem* está naturalmente dado. Mas o país projetado em *Mensagem* não se apresenta como império econômico, político ou geográfico. Conforme Pessoa afirma tantas

décadas antes da independência das colônias portuguesas na África, nem mesmo elas seriam necessárias para o que ele vislumbrava para Portugal. Esse novo império seria construído pelas qualidades de uma língua e de seus poetas. Não se verifica no tom do livro um orgulho desmedido ou um patriotismo ufanista; Pessoa não ignora, na concepção de *Mensagem*, o papel periférico de Portugal na Europa. A nota melancólica está sempre presente. O ponto de fuga do livro se situa, no entanto, num tempo futuro, e a-histórico, baseado na ideia de que será sobre o solo adubado por uma crise profunda que Portugal se reerguerá.

Entrevistadores: Qual a percepção que se pode formar sobre o pensamento de Fernando Pessoa a respeito de Portugal após sua volta de Natal?

A circunscrição histórica decadente, de um Portugal humilhado no plano internacional pelo *Ultimatum*, em profunda crise de valores após o assassinato de rei e do príncipe herdeiro, e, na sequência, pela alternância de partidos no poder, compõe um cenário desacreditado, do qual a obra de Pessoa se alimenta e no qual ela procura insuflar fôlego novo. *Fernando Pessoa – resposta à decadência*, de Haqira Osakabe, é uma leitura conjunta do poeta por esse viés. Décadas depois, passada a febre republicana, será a vez da ascensão do salazarismo, do franquismo, do fascismo e do nazismo alimentar gradativamente em Pessoa uma reação poética e política marcante em sua última produção (que podemos situar entre 1933 e 1935).

Entrevistadores: A sua formação, especialmente na colônia inglesa de Natal, que hoje faz parte da África do Sul, facultou a Pessoa uma vasta leitura de autores internacionais. Em que medida é possível supor esses dados culturais e literários em sua obra?

Em ampla medida. Em Durban, Pessoa leu sobretudo os metafísicos e românticos ingleses, Shakespeare, Milton, Poe e Wilde. Não é possível conceber uma imagem fidedigna de sua obra sem o diálogo com essa tradição. Muito do que se considera próprio de Pessoa, em comparação com a tradição literária portuguesa, deriva, justamente, dessa outra tradição. Só ao retornar, já adolescente, a Lisboa, Pessoa travará contato mais próximo com a tradição portuguesa. Mas isso ocorre, portanto, à luz de um cenário já previamente constituído em inglês. O estudo clássico sobre o tema, realizado no final dos anos sessenta, na USP, pelo português Alexandrino Severino, teve, nos últimos anos, em número da *Pessoa plural* e outras edições, muitas ramificações importantes.

Entrevistadores: São vários os exemplos de explicação para o fenômeno da heteronímia, incluindo aspectos mentais, genéticos e sociais, como a necessidade de interlocutores à sua altura. Qual deles lhe parece mais plausível e por quê?

A rigor, nenhuma delas. A grande tentativa de explicação da heteronímia foi realizada por João Gaspar Simões na sua biografia romanceada, *Vida e obra de Fernando Pessoa – história de uma geração* (1950). Ali, a hipótese edipiana e as ilações psicobiográficas conduzem o crítico por um caminho equívoco, por vezes detrativo, embora repleto de boas intuições. Em resposta a ela, Eduardo Lourenço advertiu que nós devemos renunciar à vã tentativa de explicar Pessoa. Ao invés de nos perguntarmos “por que é?”, deveríamos nos perguntar “o que é?” e “como é?”. Também como reação mais imediata ao livro de Simões, Casais Monteiro chamou a atenção para o “mistério da poesia”. Eles saem, portanto, em defesa do poeta. Nem a neurastenia, nem o medo da loucura, muito menos um levante social foram ou seriam capazes de escrever “Tabacaria”.

Entrevistadores: Segundo Pessoa, sua conduta era de respeito aos direitos individuais, definindo conseqüentemente seu liberalismo. Mas o poeta não demonstra em sua escrita

um empenho em causas sociais, não se dedica, como é o caso do seu grande modelo, Walt Whitman, a causas sociais, ao homem comum, a causas como o racismo. Embora pareça posicionar-se contra o preconceito sexual, como é o caso da defesa da obra de Antônio Botto, não expressa um significativo investimento em causas humanísticas. Com que ideias se pode fomentar um debate a esse respeito, em um momento de ebulição de manifestações de resistência e enfrentamento aos preconceitos?

Não devemos desconsiderar os últimos anos de produção, nos quais se entrevê uma forte dimensão política em escritos poéticos e em prosa de caráter anti-salazarista. Nesse momento, Pessoa é reativo à censura e às políticas ditatoriais emergentes na Europa. Outras passagens em defesa de escritores detratados publicamente, como foi o caso de Raul Leal, além de Antônio Botto, também chamam a atenção nessa discussão. Há toda uma parcela da obra de Pessoa que permite qualificá-lo como um poeta transgressor. Mas o X da questão é o seguinte: quantos escritores que viveram até meados do século XX construíram sua obra em resposta ao racismo? Embora Whitman seja um exemplo de denúncia mais pontual, essa é, sobretudo, uma preocupação característica do nosso tempo: felizmente, nós nos tornamos capazes de enxergar com a devida gravidade algumas injustiças sociais que existem desde sempre. Seria anacrônico, no entanto, ter esse tipo de demanda de leitura diante da obra de Pessoa, aliás como da de qualquer outro autor do seu tempo. O que nós enxergamos como expressão do humano não coincide com o que o homem do século XIX e das primeiras décadas do XX entendeu por isso. As mentalidades se alteram de acordo com os contextos. Ler um autor de outro tempo é, em grande parte, aceder o seu horizonte cultural, não o nosso.

Entrevistadores: Fernando Pessoa escreve “Saudação a Walt Whitman” em nome de Álvaro de Campos. Mas o espelhamento do poeta americano parece evidenciar-se mais em Alberto Caeiro. Que hipótese pode ser aventada para explicar esse fato?

A hipótese de Eduardo Lourenço, apresentada e discutida em dois capítulos de seu *Fernando Pessoa revisitado*, é, sem dúvida, um dos marcos da crítica pessoana. Sumariamente, essa seria uma manobra de ocultamento: Pessoa ocultaria, através de Campos, a influência de Whitman sobre Caeiro. Lourenço identifica nesse movimento engenhoso, e um tanto freudianamente inspirado, parte da genialidade do poeta.

Entrevistadores: Quanto à heteronímia, existem nomes consagrados entre os estudiosos que acreditam ter havido um dia triunfal, como relata o seu autor. Como isto se explica?

Esse é um movimento de tomada de consciência crítica. Houve um “dia triunfal”; isso está documentado e comprovado. Mas as coisas não se passaram, efetivamente, como Pessoa descreveu. Não podemos tomar o dia triunfal como sendo o seu relato. Os exames realizados nos manuscritos de “O guardador de rebanhos”, revelando diversidade de tintas e papéis, são conclusivos: houve diferentes etapas de escrita do poema. O que podemos fazer, como fizeram alguns grandes leitores de Pessoa, é tomar o “dia triunfal” como um efeito, isto é, como parte da obra. Um faz de conta que deve ser, justamente, levado em conta para se ler a poesia. Lembro-me de uma famosa afirmação de Luciana Stegagno Picchio, referindo-se à Caeiro: “Eu defendo o dia triunfal”. Como movimento crítico, foi preciso revogar o 08 de março de 1914, tomar consciência de sua dimensão fabular só realmente atingida em 13 de janeiro de 1935, para que, em seguida, a crítica confabulasse uma leitura em conjunto com seu autor.

Entrevistadores: Pode-se considerar Fernando Pessoa um aristocrata?

Pode-se, sem dúvida. Mas um aristocrata do espírito.

Entrevistadores: **Há algo que é melhor e algo que é medíocre em Pessoa?**

Nada do que ele publicou em vida é medíocre. A mediocridade pode ser definida como aquilo que é o oposto de Pessoa. Mas as edições póstumas foram pouco a pouco revelando, entre obras-primas incontornáveis, muitos esboços, fragmentos, trechos inacabados ou não revisados. Parte disso é menos interessante e repetitivo. Parte disso, certamente, Pessoa não publicaria.

Entrevistadores: **O que mais fascina e repercute, a seu ver, na obra pessoana?**

A sua inexplicabilidade. A sua profundidade. A fórmula verbal justa, lapidar e inexequível a qualquer outro escritor.

Referências

- GAGLIARDI, Caio. *Fernando Pessoa ou Do Interseccionismo*. Tese de doutoramento. Campinas: UNICAMP, 2005.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Editora Nova Aguilar, 2003.
- PESSOA, Fernando. *Obra de Prosa*. Editora Nova Aguilar, 2003.

Recebido em: 24/02/2022; **Aceito em:** 31/08/2022.